

TRINHA LIVRE

A Biblioteca Pública de Braga

2
DEZEMBRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

O problema da falta de leite

É este o 4.º artigo que escrevemos sobre este problema nacional, que é hoje a falta de leite, principalmente na Capital. Voltamos à carga, embora desiludidos e sem fé nos destinos da lavoura, tal e qual se processa a protecção à mesma.

Estão a decorrer aos domingos na T.V. Rural, mesas redondas (agora é moda) sobre o problema do leite, e os jornais fazem eco das deficiências no abastecimento, não obstante a importação da Espanha.

Tanta coisa se diz a essa mesa, e os técnicos têm-na aproveitado para nos darem lições teóricas da melhor qualidade, mas o que não há maneira é de se referirem a problemas que afectam indiscriminadamente a produção de leite de muitos Concelhos do País, que estão proibidos de concorrer com o seu leite para cobrir esses déficits nacionais. É triste e verdadeiramente lamentável que regiões das mais férteis em forragens co-

mo é o caso destes concelhos do Minho onde se situa o nosso de Amares, não possam concorrer para uma menor fuga de divisas para o estrangeiro, que não possam abastecer o seu próprio País, e que a sua lavoura, com características essencialmente forrageiras não possa auferir também o benefício dos subsídios do Estado no leite, porque não tem postos de recolha nem subsídios pelas primeiras crias porque não podem ter vacas leiteiras.

É que a Ex.ma Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro - Minho, tomou sobre si o exclusivo da recolha do leite e por esse facto, e graças a uma nefasta burocracia, os concelhos de Amares, Vila Verde, P. de Lanhoso, Vieira do Minho e Terras de Bouro, isto só falando nos desta parcela da província, estão inibidos de concorrer com o seu leite para o País, porque a Federação não come nem deixa comer. A Cooperativa dos Produtores de leite de Braga,

queria vir aqui fazer a recolha, mas não o pode fazer, porque as barreiras burocráticas não permitem que toquem nesse fruto proibido que tanta falta faz ao País e bem podia auxiliar o nosso lavrador.

Temos escrito muito sobre isto, temos enviado jornais a Suas Ex.ªs os Senhores Secretário do Comércio e da Agricultura e agora escrevemos ao Engenheiro Sousa Veloso para a T.V. Rural sem ter nunca obtido resposta, e sem que a Federação tenha sido obrigada a fazer a recolha do leite aqui.

Como é possível isso, dizem-me os que lêem estes artigos, e sabem das razões expostas?

A Federação mobilizou para acorrer a Lisboa, todo o leite das fábricas de laticínios de todo o Noroeste privou toda essa indústria de leite para laboração mas não sabe fazer o mais simples, que era sua obrigação, e que os interesses da Nação e da lavoura impunham, que era vir até nós recolher o nosso leite, que aqui é deitado aos animais pela força

«Continua na 4.ª página»

Reunião do Conselho Geral do Grémio da Lavoura

Presideu ao acto o sr. dr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo que se fazia rodear pelos srs. dr. Tomás Gonçalves de Andrade e António José da Costa

Lida a ordem do dia usou da palavra o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva, presidente da direcção que depois de saudar a Mesa do Conselho Geral disse do seu contentamento em poder anunciar ao Conselho que havia sido celebrado o contrato entre a direcção da Cooperativa Agrícola de Amares e a Junta de Colonização Interna pelo qual é concedido o empréstimo para compra dos terrenos destinados às instalações e que custam 1.600.000\$00. Referiu que a escritura de compra será dentro de dias e que se está a ultimar o estudo económico para seguir em frente. Disse mais que a Cooperativa requisitou um regente-agrícola. Analisou o orçamento em questão e foi de opinião que a eleição da Mesa do Conselho Geral fosse feita por aclamação.

O Conselho, por unanimidade aprovou o orçamento e relatório em questão e por aclamação elegeu a Mesa do Conselho Geral que fica assim constituída: presiden-

te — dr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo; vice presidente — dr. Tomás Gonçalves de Andrade; vogais: dr. Eduardo Gonçalves e António José da Costa.

Depois do sr. presidente da direcção ter saudado a Mesa e o presidente desta ter agradecido, foi a sessão dada por finda.

O sr. presidente da Mesa convocou, então, todos os presentes para discutirem assuntos do maior interesse para a Lavoura do Concelho e que o não foram na reunião por não fazerem parte da ordem do dia. O sr. presidente da Direcção exibiu

(Continua na 3.ª página)

5.ª COLUNA

Agora podem dizer com vontade que esta é uma verdadeira 5.ª COLUNA, pois até se insurge contra o próprio Jornal em que se escreve. Custa a crer, mas a verdade vem à tona e ela aí vai ficar!

Não posso admitir que o nosso Jornal esteja tão calado a respeito de muita coisa que se passa no concelho e especialmente no seu centro e os leitores tenham de o saber por intermédio de outros jornais. Então que é isto! Não há um repórter, ao menos, que nos dê notícias — e das boas — a respeito da actividade das autoridades e das entidades que têm pensado a sério no desenvolvimento da terra.

Acabo de ler num jornal diário que foi estabelecido um contrato entre uma Empresa e a Camara Municipal visando o transporte em auto-carros de 400 crianças, de menores recursos, para a Escola do Ciclo Preparatório de Amares. Foi preciso, porém, o correspondente do jornal diário nos informar desta extraordinária iniciativa — extraordinária e única, creio eu.

Estou ou não no direito de protestar. Eu, que poderia andar a mostrar o TRI-

Continuana 4.ª página

Uma sociedade destinada à promoção turística do Concelho

O Restaurante «Milho-Rei» viu os seus amplos e vistosos salões invadidos por uma selecta e representativa assistência que ali foi reunir-se em Assembleia para constituir uma Sociedade que se denominará: «Ombra — Sociedade de Empreendimentos Turísticos de Amares.»

A explicação dos motivos da reunião foi feita pelos srs. drs. Paulo Rebelo de Macedo, Artur E. de Macedo e João Barbosa de Macedo. Sobre o conteúdo jurídico da Sociedade falou o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva, sobre o projecto do edifício que se pretende erguer imediatamente dissertou o sr. eng.º Marques Ribeiro e sobre motivos de localização e capital o sr. dr. Tomás de Andrade.

Todos os assuntos mereceram aprovação e foi lavrada e assinada uma minuta de contrato, realizando-se imediatamente, uma parte do capital.

O projecto do edifício e a sua localização mereceram amplo debate e franca concordância. Desde logo foi nomeada uma Comissão para tratar de todos os assuntos de modo a iniciar imediatamente as obras, enquanto se elaboram os estatutos e demais requisitos legais.

Essa Comissão é constituída pelos srs.: D. Leopoldina Ernesta da Costa Fernandes, dr. A. Eleutério Macedo e João Macedo.

Aniversário do nosso Editor

Sr. Paulo Barbosa de Macedo

BIOGRAFIA



Passa amanhã o seu aniversário natalício o nosso estimado e querido Editor: — Fundador da Caixa de Crédito Agrícola; fundador e primeiro presidente da Casa do Povo da Feira Nova; sócio e principal fundador dos Armazéns da Feira, estabelecimento de fazendas; criador de «A Modelar» e industrial de padaria; presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Amares; Vereador da Camara Municipal e actual provedor da Santa Casa da Misericórdia; foi fundador e é editor deste Semanário.

(Continua na 4.ª página)

«Intelectuais no «Paraíso»...

Decididamente, os que mais têm propalado as «maravilhas democráticas» daquele extenso país onde, segundo os mais insuspeitos observadores, se instaurou um novo «cesarismo», não sabem como hão-de explicar a perseguição movida, ali, aos intelectuais que mostrem veleidade de independência. Depois de muitos outros casos—jornalistas desterrados para a Sibéria e para a Mongólia, músicos expulsos de Moscovo para regiões susceptíveis de efectarem as suas resistências físicas e morais, escritores colocados em regime de «residência fixa», quase com guarda à vista — surgiu o flagrante episódio do Solgenitsin, premio Nobel de 1970.

Com singular ousadia, o famoso intelectual concedeu uma entrevista publicada pelo «New York Times». É um lancinante grito do autor de «uma candeia ao vento» e «um dia de Ivan Denisovic», pondo a descoberto a «violência feroz» com que se persegue na União Soviética, quem formule (ou pareça formular) reparos, críticas ou advertências, por mais ligeiras, acerca do regime do tal «regime democrático» que, segundo, os palradores e os escritas de colaboração moscovita, vigoraria por lá... «Vós, ocidentais não Poderais sequer imaginar quais são as condições da minha vida»—declara Solgenitsin.

E sublinha, com nítida amargura: «Pasma, por vezes, da ligeireza com que nos vossos países, se fala a respeito do que sucede por aqui, em torno dos verdadeiros intelectuais que não queiram submeter-se ao «sistema do rebanho» ou limitarem-se a ser «robots» teleguiados pelos mais cruéis mentores do partido.

Haverá alguns desses comentadores levianos que falam e escrevem por excessiva boa fé, dando crédito a propagandas que custam fortunas, mas haverá muitos que procedem por estipêndio, cobrando fartos subsídios. Aqui, como no meu caso, além do ostracismo a que um intelectual de carácter se vê votado, há a residência vigiada noite e dia, há os nossos melhores amigos espiados como «criminosos a eliminar». E acrescentou: «Em volta da minha família, criou-se um autêntico cerco, como se fosse portadora de peste, enquanto se move, por todas as formas, uma campanha de calúnias, de difamações, de incitamentos, para que venham aniquilar-me fisicamente — a mim e aos meus To-

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

da a máquina do partido se pôs em movimento para me eliminar! Tecem as mais grosseiras infâmias sobre a minha origem, contra os meus pais e até diligenciam architectar abjectas lendas sobre os meus modestos recursos económicos. É a demolição moral e espiritual, antes, talvez, da demolição física! Assim declarou o grande escritor russo prêmio Nobel de 1970, à luz deste libelo, que poderemos pensar dos «nossos» tagarelas louvaminheiros da tal suposta «democracia»?

A. L.

ANEDOTA

Um criado modelo:

- Quem procura o senhor?
- Que lhe queria?
- Vim para uma conta...
- Partiu ontem para o campo... atalhou o criado.
- ...Que eu lhe desejava pagar.
- ...Mas já voltou! — acrescentou por sua vez o criado.

Leia

Propague e assine «Tribuna Livre»

Agradecimento

Secundino António Carvalhosa e Esposa, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que os acompanharam no luto pelo falecimento de Sua Mãe Júlia Maria Borges, testemunham por este meio o seu reconhecimento e também agradecem a todas as pessoas que assistiram à missa do 7.º dia.

Magusto em Caires

Como todas as freguesias, Caires também teve o seu Magusto.

Passava, por casualidade, naquela ridente freguesia, acompanhado de uns amigos e reparei que no largo fronteiriço à Igreja havia desusado movimento de gente moça, à mistura de fumo, alti-falantes e alegria sã: Era festa.

Claro que, como sempre, não podia faltar a presença do Senhor Padre Calisto Vieira, pároco local, Homem sempre pronto a incentivar e subsidiar estas pequenas festas que são o orgulho da mocidade de Caires.

Presente também o sr. Luiz de Sousa, presidente da Junta de Freguesia e várias pessoas de certa categoria o que dava ao acto um aspecto oficial.

Convidados de momento, associamo-nos à pequena festa e, claro, gostamos de apreciar a ordem, o respeito e a alegria de toda aquela gente moça em volta do seu pároco.

Continue, Senhor Padre Calisto! e, bem haja, por fazer passar alegres momentos essa mocidade que, moralmente, também lhe pertence.

A. Gonçalves

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

«Muito, muito mais pequenino...?»

— Sim, uma simples fracção do todo. Diga-me se ontem — oh, o meu trabalho tinha-me toda absorvida e eu não estava para cumprimentos e cerimónias — se ontem de tarde mexeu na minha carta que estava na mesa do hall, como sabe.»

CAPITULO XXIV

A minha impressão da maneira como ele recebera isto scfreu, durante um momento, de qualquer coisa que eu apenas posso descrever como um quebrar violento da minha atenção — um golpe que a princípio, tendo-me eu levantado de um pulo, me reduziu ao cego movimento de o agarrar, apertando-o bem contra mim, enquanto procurava amperar-me, de novo, ao móvel mais próximo, conservando-o, instintivamente, de costas para a janela. Naquele sítio já eu tinha travado relações com a aparição que naquele momento estava inteiramente sobre nós; Peter Quint surgiu-nos diante como uma sentinela em frente de uma prisão. Em seguida vi que, do lado de fora, ele se aproximara da janela, e então notei que, encostado à vidraça e olhando através dela, mostrava, mais uma vez, para o interior da sala, a sua descarada face de renegado. Dizer que tomei num segundo uma resolução é representar grosseiramente o que ia dentro de mim; creio, no entanto, que jamais mulher alguma tão combatida como eu estava teria recuperado tão depressa a capacidade de saber como agir. No meio do próprio horror que aquela aparição em mim causava, ocorreu-me que o que tinha a fazer, vendo e imaginando o que via e encarava, era conservar o pequeno desprevenido. A inspiração — não lhe posso atribuir outro nome — consistia em eu saber espontaneamente, transcendentalmente o que podia fazer. Era como lutar com satanaz pela salvação de uma alma; e, depois de assim avaliar as coisas com toda a ponderância, vi que aquela alma humana — mantida nas minhas trémulas mãos à força de pulso — tinha a formosa testa infantil banhada de suor. O rosto junto ao meu estava tão pálido como o rosto encostado à vidraça, e desse rosto, nesse instante, veio um som, nem

baixo nem débil, mas como se viesse de muito longe, som que eu absorvi como se fora um trago de perfume.

«Sim, tirei a carta.»

Nisto, com um gritinho de alegria, abracei-o, apertei-o bem contra mim; e, enquanto o estreitava contra o meu peito, onde eu sentia, na súbita agitação do seu corpinho, o forte pulsar do seu pequenino coração, poisei os olhos no que estava na janela e vi essa coisa mover-se e mudar de posição. Havia-me parecido uma sentinela, mas o seu vagaroso movimento tinha por momentos, fosse o que fosse que lembrava o roncar de um animal dispersado. A minha coragem, presentemente animada, era tal, no entanto, que, para a não mostrar, me vi obrigada, por assim dizer, a baixar-lhe a flama. Entretanto, aquele olhar feroz estava ali de novo na janela, e aquele miserável parecia olhar como quem espia e espera. Tanto a confiança que eu experimentava de o poder agora desafiar como a real certeza, naquela altura, da inconsciência da criança me fizeram prosseguir.

«Para que tirou a carta?»

— Para ver o que a Miss dizia a meu respeito.

— Abriu-a?

— Abri.»

Quando o soltei um pouco mais, os meus olhos ficaram sobre o próprio rosto de Miles, onde o colapso do escárnio me mostrava tão completa era a devastação que lhe provocara a agitação em que se encontrava. Mas o prodigioso é que, por fim, graças ao meu triunfo, os sentidos tinham-se-lhe fechado e as comunicações com o espectro estavam interrompidas; Miles julgava-se em presença de qualquer coisa, mas não sabia de quê, e ainda muito menos percebia que eu também estava diante do que quer que fosse, e que sabia. Mas esta violenta perturbação que importava, quando os meus olhos, ao voltarem a olhar de novo para a janela, apenas viram a ar de novo transparente — graças ao meu triunfo pessoal — e a sinistra influência extinta? Já ali não estava nada. Percebi que era eu a causa disso e que fora eu quem acabara com tudo.

«E não achou nada!» — deixei que a minha altivez se expandisse.

Teve um triste e pensativo agitar de cabeça.

«Nada.»

— Nada, nada!» quasi gritei, na minha alegria.

«Nada, nada,» repetiu ele tristemente.

Bajei-lhe a festa; estava ensopada. «Afinal, que fêz à carta.

— Queimei-a.

— Queimou-a?» Ou agora ou nunca. «Era isso o que o menino

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Guerra na Paz

A Torralta vai colaborar com o Governo no desenvolvimento Agro-Pecuário. O Almirante Sarmiento Rodrigues, ex-Ministro do Ultramar e Presidente da Torralta, a quem o Algarve deve parte do seu progresso urbanístico, convidou uma equipa de peritos Americanos dirigida pelo General Roosevelt, filho do falecido Presidente dos E. U. para montar uma Empresa a nível Internacional de exploração Agro-Pecuária.

A Torralta poderá assegurar já em 1973 a alimentação a 4000 pessoas por dia, porque a equipa já tem o programa elaborado e os terrenos indispensáveis ao volume de produção para fornecer o país e o estrangeiro tanto em qualidade como em preço de concorrência. O País já no próximo ano vai sentir os efeitos do empreendimento a quem o Estado presta todo o auxílio possível para evitar a fuga de divisas e pôr termo à crise que as Cooperativas iam lentamente debelando.

O General Roosevelt depois de se referir à forma como a Torralta, através do seu administrador Agostinho da Silva o tinha ilucidado para a elaboração de um plano de aproveitamento agrícola, pecuário e industrial das propriedades que a Empresa tem, e pensa adquirir no Algarve e Alentejo, ficou ciente das possibilidades de um plano a nível poucas vezes atingido nos E. U..

Embora sejamos do Minho não deixaremos de sentir os efeitos benéficos para o país e para a sua população porque é dentro de Portugal que se vai trabalhar em benefício colectivo e daqui expressamos ao Almirante Sarmiento Rodrigues a nossa gratidão.

O Norte confia no ilustre Secretário de Estado da Agricultura para a sua cobertura através das Cooperativas Polivalentes para que os terrenos abandonados passem novamente a cumprir a sua nobre missão.

Portugal - Inglaterra

Em 20 de Novembro a Rainha Isabel de Inglaterra completou 25 anos de casada e 46 de Rainha da nossa muito amiga e aliada nação. Duas festas no mesmo dia deveriam ter revolucionado o Palácio residencial e atarefado os 900 funcionários que ela mantém para tantas e preocupantes exigências. O governo, atendendo ao custo de vida, elevou os seus rendimentos de 34 para 75 mil contos anuais. Vive feliz e despreocupada por que tem quem a sirva

com rigor e pontualidade e quem a defenda no Governo que satisfás plenamente as exigências dos seus súbditos. Ninguém se preocupa com a sucessão de um trono privativo da família Real. Não há o incómodo das eleições nem o barulho que isso acarreta. Portanto é isso um motivo para a tranquilidade familiar dessa Senhora mãe de filhos que lhe não-de suceder. Herdeira dos maiores Impérios, limita-se hoje a contemplar o que resta do tempo da Rainha Vitória. O Reinado da Rainha Isabel iniciou-se em 1952 e tem assistido à dissolução do Império, que se estendia pela Ásia África, América do Norte, do Sul, Mar das Caraibas e Pacífico. A concessão de independências a um vasto número de colónias e a divisão do Sub-Continente Indiano pela Índia e Paquistão não a preocupa porque não é coisa da sua responsabilidade como também não foi culpa Sua a nossa perda de Goa, Damão e Diu. Porisso os aniversários da nobre Rainha foram considerados como data de regosijo para os portugueses que a vêm como Rainha e também como figura decorativa do maior império da liberdade.

Código Penal

As páginas dos jornais diários são aperitivos para os gatunos ao lerem as suas proesas. Alguns não chegam a gosar o fruto das suas criminosas aventuras porque a polícia aborrece-os com as suas descobertas. A maioria são jovens iniciados por mestres da especialidade que encontraram um Cod. Penal condescendente permitindo-lhes uma prisão com contactos para aliciamentos da legião.

Já se falou na reforma do Código que, neste capítulo, tem de sofrer muita limpeza para não deixar sujar as mãos dos gatunos nos prédios, nos cofres, nas joias e no dinheiro dos outros. Como está na mão do Cod. a chave do segredo, esperamos que se abram as portas da tranquilidade dos habitantes e do prestígio das autoridades responsáveis.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carragedo Amares

Telefone dos Bombeiros de Amares — 62162

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Ontem, dia 1, passaram o aniversário natalício a sra. D. Maria do Céu Gomes, menina Maria Amélia Oliveira Arantes e o sr. António José da Costa.

Hoje, dia 2, a menina Maria José Dias Antunes e o sr. José de Azevedo Dias.

No dia 3 o sr. Paulo Barbosa de Macedo e o sr. Mário Ramos.

No dia 4 o sr. Artur da Cunha Cruz.

No dia 5 o sr P.e Luiz João Antunes de Almeida.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Reunião do Conselho Geral do Grémio da Lavoura

«Continuado da 1.ª página»

aos presentes uma planta do futuro matadouro municipal esclarecendo que se impõe a sua construção imediatamente sob pena de se perder o subsídio de matança já no mês próximo o que levaria ao encarecimento da carne. Também o sr. presidente do Município prestou esclarecimento e disse da conjugação de esforços que se está a fazer para erguer a obra imediatamente. Está estabelecido que a Cooperativa autorizará a que em terreno seu se construa o imóvel sem alienar qualquer parcela e, pelo contrário, beneficiará da construção que se integrará nas suas necessidades futuras ao mesmo tempo que servirá o Concelho. O assunto mereceu a franca aprovação dos presentes que perfilham na sua totalidade os pontos de vista expostos.

ANEDOTAS

NO MANICÓMIO

— Porque é que o Senhor está aqui?

— Porque eu digo que o Mundo está louco e o Mundo diz que louco sou eu; ganhou a maioria.

Por-CAIRES

Os indivíduos do sexo masculino, nascidos (e residentes em Caires) no ano de 1917 — nasceram 19 rapazes e 10 raparigas — marcaram uma reunião - convívio, para, festejarem mais uma vez, o seu aniversário natalício, conforme convite recebido que passo a transcrever:

«Caro patrício e contemporâneo F...

Como este ano completamos 56 «Outonos», venho, encarecidamente, convidarvos, para, em conjunto, comemorarmos mais este aniversário no próximo dia 8 de Dezembro, solenidade da Imaculada Conceição.

Constará de três partes distintas o nosso inconfundível encontro: uma piedosa, outra recreativa e a terceira social.

Na primeira, assistiremos a uma missa, às nove horas (se a paroquial for a esta hora, a nossa será às oito e meia) na nossa Igreja, para agradecer ao Senhor os benefícios recebidos e suplicar-Lhe não tome em conta o saco das nossas «maroteiras» durante este longo meio século e mais cinco anos de vida e, também, lembrar os nossos mortos.

A segunda, pelas duas horas e meia da tarde, na casa deste vosso amigo no lugar da Cruz, meterá magusto-convívio, à mistura com umas «pingas» (hilarat convívio vinum) em reunião festiva e hilariante de gargalhada franca, para, de algum modo recompensar o corpo dos trabalhos que, duramente, tem suportado. Para tanto, bastará, apenas, que vos façais acompanhar de uma farta «dose» de óptima disposição, de «comprimidos» de piada fina e «pílulas» de boa laracha, como desopilantes.

A última, mais gloriosa do que muitas vitórias, será uma retirada estratégica, para as respectivas casas, em boa ordem e melhor disposição, sem receio da censura dos «irmãos» ou ralhetes da cara-metade

Finalmente, aviso-vos de que não serão admitidas justificações de faltas, ainda que fundadas, e, por isso, todos deveis, infalivelmente, comparecer.

Até lá, se Deus quiser, com a consideração e o agradecimento daquele que vos espera e abraça.

Caires, 25 de Novembro de 1972.

Luís João

A mocidade desta freguesia, alegre — não fossem jovens — no penúltimo domingo, realizou um festivo magusto, no largo da nossa Igreja.

Os alti-falantes enforcados numa oliveira — a oliveira é o símbolo da paz — gritaram aos quatro ventos «música de conversa», desde sábado até segunda-feira, à tarde, ocasião em que os soltaram, desceram e emudeceram.

Parabéns aos rapazes e raparigas por esta iniciativa agradável e recreativa que lhes proporcionou, não obstante a chuva impertinente bons momentos de convívio e a tarde do «Dia do Senhor» bem passada.

Porém, a doença e a velhice não gostaram de tanta barulheira musical, — três dias!!! — e lamentaram-se.

Têm razão. Na verdade, foi fugagá a mais e senso a menos, Senhor «Moderator».

Até quando, infelizmente, a nossa juventude permanecerá órfão de orientação?

Telefones para serviços

DF URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor duardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.Mta.	62163
Bombeiros Voluntários de Amares	62162

- IMPORTANTES AFIRMAÇÕES - DA NOSSA

do doutor Moreira Baptista na inauguração da estação fronteiriça de Marvão

No passado dia 12, o Chefe do Estado inaugurou, com grande solenidade, as instalações da nova estação fronteiriça de Marvão, acto a que assistiram numerosas individualidades; entre as quais os ministros das Finanças e da Economia e das Obras Públicas e das Comunicações e os secretários de Estado da Informação e Turismo e das Obras Públicas.

Depois de, em nome do Almirante Américo Thomaz, ter usado da palavra, o engenheiro Pinto Eliseu, secretário de Estado das Obras Públicas, falou o doutor César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo, cujo discurso interessou vivamente todos os presentes.

Ouçamos, em parte, aquele membro do Governo:

«O movimento das nossas fronteiras terrestres atingiu em 1970 um total de quatro milhões e sessenta e cinco mil passagens, número que subiu em 1971 para cinco milhões e cinquenta e cinco mil. No ano em curso deverão atingir-se valores ainda maiores.

Estes indicativos dão a medida da importância que

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

BUNA LIVRE a quantos cépticos conheço acerca da nossa falta de instrução e de que as autoridades não querem saber... Mas eu queria mostrar em parangona, não é, infelizmente, numa noticiinha de 70 linhas, encafuada no título genérico de «Ensino». Não! Eu queria poder adjudicar tal iniciativa inédita à Câmara de Amares, à frente da qual está uma vereação notável sob todos os aspectos, incluindo o principal aspecto: a Educação.

Assim poderia meter a fala no bucho de uns tantos e deste modo, com um noticiário ambulante, já não tenho aquela coragem que Deus me deu para zurzir meia dúzia deles, pelo menos.

Vamos a ver se a 5.ª COLUNA alerta tanta mentalidade da boa e que Amares possui, para nos dar notícias capazes deste humilde «reporter» não ter de se insurgir contra o jornal em que escreve.

Aí tem Leitor a força de que sou dotado. Também é preciso coragem, não acha?

EME ABRIL

revestem os postos fronteiriços na multiplicidade dos objectivos que têm de servir. Simultaneamente, apontam a necessidade urgente de se adaptarem a uma cada vez mais eficiente acção.

É o que o posto de Marvão, agora equipado com meios actualizados e airoso na sua arquitectura e decoração, vem dar aos que por ele optem para entrar ou sair do nosso País. Por outro lado, irá estimular o desenvolvimento turístico de toda a região que tem a sua mais evidente expressão no triângulo formado por Marvão, Castelo de Vide e Portalegre, ao oferecer com as suas inconfundíveis belezas uma atracção que não deixará de interessar quantos aqui tenham um primeiro contacto com a nossa terra. Caminho aberto para um Alentejano ainda tão pouco descoberto sob o ponto de vista turístico e que tantos motivos de atracção oferece com a sua ruralidade simples mas autêntica a polvilhar vastas planícies onde descansam essas vilas brancas que os homens não conspurcaram e permanecem ainda quase puras das malfeitorias dos maus moderníssimos arquitectónicos ou das improvisações de Urbanização sem sentido».

E mais além:

«Todos sabemos que a imagem que certos sectores da Informação têm criado acerca de Portugal não é satisfatória, porque não é exacta. Efectivamente por razões políticas — e nem só essas — tem-se espalhado internacionalmente uma falsa ideia da realidade portuguesa.

Termos a consciência de que assim é acautelar-nos-á de perniciosos desânimos e revigorará a nossa decisão para, por todos os meios ao nosso alcance, reforçarmos a disposição para nos opormos a manobras cujos objectivos são os da tentativa de erosão da nossa capacidade de resistência. E se também sabemos que nesse esforço de descrédito alinham, dentro ou fora das nossas fronteiras, alguns portugueses, não é a tal circunstância que me referirei neste momento.

«Agora, interessa-me somente acentuar quanto o turismo pode contribuir para o esclarecimento das mentiras ou meias verdades que alguns órgãos de Informação estrangeiros divulgam a nosso respeito e também de outros. Tal tipo de mentira constitui, efectivamente, moléstia que urge combater muito vivamente onde quer

que se acoite.»

Finalmente, a terminar, afirmou o doutor Moreira Baptista:

«Estamos todos empenhados num grande movimento em que a esperança é o lema e o objectivo, é o progresso em paz, síntese do rumo notavelmente traçado pelo Presidente Marcello Caetano.

Não vamos deixar que as esperanças se percam na caminhada; o progresso há-de continuar permanentemente e cada vez mais acelerado. E defenderemos a paz, a paz portuguesa que milhões de portugueses desejam e de que V. Ex.ª, senhor Presidente, é a superior garantia.»

O discurso do secretário de Estado da Informação e Turismo foi, na verdade, extraordinário, bem merecendo os aplausos de todos os portugueses conscientes e dignos.

Augusto de Oliveira

O problema da falta de leite

(Continuado da 1.ª página)

destas circunstâncias e de não haver quem o consuma.

Segundo as estatísticas a importação de artigos da Agricultura rondava os 10 milhões de contos. A esses vai juntar-se agora mais o leite, dentro em pouco será o vinho etc. etc..

Nessa mesa redonda foi salientado que a lavoura leiteira desanimou porque o preço do leite não compensa.

Também foi dito que o consumo do leite em Lisboa duplicou em 6 anos. Ora estas duas afirmações dão por si a resposta. O consumo duplicou porque o leite além de ser o alimento número um é hoje o que há de mais barato na alimentação.

Porque há-de ser sempre a lavoura a sofrer?

Falta leite, falta carne, faltam laticínios. Porque não se dá um único e substancial subsídio ao produtor do leite e se acabam com todos os restantes subsídios na Pecuária, que em grande parte vão parar a outras mãos.

Dessem 5\$00 em litro de leite ao lavrador, embora o vendam a 4\$00 ao público e verão se faltará mais leite, e se faltará mais a carne a público, ou laticínios, couros e chifres à indústria.

Não será tal ovo de Colombo este nosso problema Pecuário, que ninguém quer resolver a sério?

INTEGRAÇÃO EUROPEIA

Tudo anda à deriva. À deriva, não! A deriva, como consequência do nosso atavismo, da nossa modorra, do nosso marasmo.

Haja em vista a grande e portentosa reunião da Indústria, celebrada na cidade do Porto, à nossa participação na C.E.E. e a declaração peremptória do nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros, solicitando da economia privada a sua necessária actualização, face ao índice decorrente do Mercado Comum em que nos integramos. Tal declaração alertou («acordou») os industriais portugueses, sugerindo-lhe a incomodidade a que têm de votar-se, agindo de molde a possíveis prejuízos, sequentes de uma progressiva importação talvez em moldes mais sensíveis no precário e, deste modo, menos rentáveis para a indústria nacional.

Ora, esta medida de menos lucro é que fez oscilar e conseguir incentivar maior actividade dos empresários, a ponto de reunirem-se na «IV Conferência de Mesa-Redonda da Indústria no Espaço Português», onde alguém fez a sincera afirmação de que

«temos de agir em face do nosso acordo com o Mer-

cado Comum, a partir de condições económicas muito mais desfavoráveis de que teríamos se houvessemos utilizado bem, as oportunidades abertas pela EFTA.»

Mas a despeito deste predicado de acentuação colectiva perante o Governo, frente à reunião, incluí-se no relatório da mesma, a 4.ª clausula, que se nos afigura menos consentânea com a pretensa aceleração de estruturas que possam colocar-nos na senda das exigências de uma integração europeia. É que nela exprime-se:

«As circunstâncias vigentes recomendam ainda que a Administração (entendemos por Governo) procure criar condições para evitar a instalação de industriais, que possam conduzir a uma baixa de ocupação, com reflexos negativos na aplicação selectiva de capitais e na balança de pagamentos.»

Então como poderemos integrar-nos na economia europeia? Aguardando que a Indústria, até agora adormecida, acorde, se espreguice e depois de lavar o rosto comece a trabalhar?

Só se for...

MILITÃO PORTO

Aniversário do nosso Editor

Sr. Paulo Barbosa de Macedo

(Continuado da 1.ª página)

Durante a administração das instituições sob a sua orientação, construíram-se os edifícios da caixa de Crédito Agrícola, o novo quartel e sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e o Campo de Futebol, a Casa do Povo da Feira Nova e o Hospital de Amares.

A par disso, o aniversariante ia levando a cabo, particularmente, inúmeras realizações: Assim, adquiriu a propriedade por onde passa a actual Rua de Sá de Miranda, cuja rua abriu e ofereceu à Câmara; também nova compra havia de proporcionar abertura e oferta à Câmara da Rua Martins Moniz; construiu o edifício e instalou na Rua Sá de Miranda uma moderna padaria; construiu toda a ala de edifícios da Rua Martim Moniz, ala Sul, e está agora em construção a ala Norte.

Também está em conclusão, obra sua, o mais moderno e importante edifício da Vila, com 4 pisos, onde já se encontra instalado, com toda a sua imponência, o Restaurante Milho Rei.

Como Vereador, o Concelho conheceu o seu dinamismo em inúmeras realizações que constituíram uma verdadeira arrancada.

Pai do Sr. Presidente da Câmara e da S.ra D. Olímpia Rebelo de Macedo, professora do Ciclo Preparatório, sogro do Sr. Dr. Abel Prieto e da S.ra. Dra. Artemisia Couto Macedo, professora do Liceu D. Maria II ele é bem merecedor da estima e consideração que lhe dedicam todos os amigos e Amarenses.

Ao dar à publicidade o seu aniversário e biografia, «Tribuna Livre» presta homenagem ao Homem que põe a sua terra e as suas coisas acima de tudo, e até do próprio merecido descanso.

Pedimos-lhe desculpa por abusar da sua modéstia, mas atrevemo-nos a afirmar que Homens como o aniversariante são raros nas gerações, pelo que lhe desejamos que esta data se repita por muitos e felizes anos na companhia de sua extremosa Esposa D. Olímpia Barbosa de Macedo e toda a distinta família.